

Economia. Sinais de esfriamento ainda são fracos

12 JUL 1995

A economia pode estar perdendo impulso, mas continua bem mais ativa que no ano passado. Se o ritmo de crescimento for contido, como pretende o governo, a indústria ainda terá produzido, neste ano, algo entre 5% e 7% mais do que em 1994. Esta é a previsão divulgada há poucos dias pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). Mais difícil que projetar esses números é avaliar a situação neste momento. Falou-se muito em dificuldades de vendas, no último bimestre, e algumas indústrias anunciaram férias coletivas para redução de estoques, em julho. Os números, porém, não permitem conclusões simples.

O emprego industrial caiu nos dois últimos meses, mas o valor das vendas, em maio, foi 5,2% maior que o de abril, descontado o efeito sazonal (sem esse desconto, o número seria 10,4%). As horas de trabalho

na produção cresceram 2,8% de um mês para outro. O uso de capacidade também aumentou de abril para maio, de 78,8% para 79,3%, em números ajustados sazonalmente, segundo informou anteontem a CNI.

A expansão das vendas e da produção em maio, dizem economistas da entidade, pode ter sido causada por uma recomposição de estoques. Mas essa é apenas uma hipótese. Em abril, a produção industrial foi 4,4% menor que em dezembro. O crescimento acumulado em relação a junho do ano passado recuou de 18,4% em dezembro para 13,2% em abril, segundo o IBGE. No caso do setor de bens duráveis de consumo, porém, a tendência foi diferente: a variação acumulada saltou de 22,5% para 28,6%. Nesse momento, o aperto do crédito foi mais sensível. Foi quando se tornou mais claro, também, o tamanho do problema enfrentado pe-

los consumidores, depois de um pesado endividamento. A partir desse quadro, parece difícil explicar a reação das vendas industriais, em maio, pela mera recomposição de estoques.

Em maio, segundo a Federação do Comércio do Estado de São Paulo, o varejo paulista faturou 4% menos do que em abril, mas 14% mais do que um ano antes. Os dados da Associação Comercial, sobre consultas ao Serviço de Proteção ao Crédito e ao Telecheque, são mais atualizados, mas não permitem conclusões fáceis. Neste mês, até dia 9, os telefonemas ao SPC foram, na média diária, 3,2% menos numerosos do que no mesmo período de junho. As consultas ao Telecheque, porém, aumentaram 4,2%. Parte deste aumento é explicável pela maior cautela dos lojistas, diante do aumento dos cheques sem fundos.

Dizer qual o rumo efetivo das vendas é arriscado. Pelo senso comum, a tendência é acreditar num esfriamento do consumo. No Interior, esse dado é claro, por causa dos baixos preços agrícolas e das dificuldades dos produtores rurais. Nas grandes cidades, o quadro é menos definido.

Quem consegue oferecer prazos mais longos e maiores descontos vem, de toda forma, conseguindo manter bom volume de vendas.

Alguns empresários do comércio e da indústria descobriram que pode valer a pena comprimir as margens. Tem havido até liquidação de automóveis. Noutros tempos, com economia fechada e crédito mais solto, o volume de vendas tendia a cair muito mais depressa que as margens. Isso pôde estar mudando. Essa hipótese, a mais otimista neste momento, também torna difícil avaliar o quadro atual.